

o Museu Internacional de Fotografia, o Rochester Institute of Technology, a Polaroid, em Cambridge, além de consultar os maiores especialistas e centros de pesquisa fotográfica de renome mundial. Deduzimos de toda esta busca que outros métodos deveriam ser empregados, métodos que não estavam no universo físico-químico tradicional, mas sim nas novas tecnologias que iam sendo desenvolvidas na área da informática. Surgia, assim, a idéia, e acreditamos que o Projeto Portinari foi um dos primeiros a propô-la publicamente, de preservar esse acervo de transparências através de sua digitalização e armazenamento em meios de grande permanência.

Fui, entre outros locais de tecnologia de ponta, ao Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (Inpe), onde os colegas do grupo de processamento de imagens, Luiz Alberto Vieira Dias e Nelson Mascarenhas, digitalizaram o slide de uma obra utilizando equipamentos dedicados às imagens de satélites. Lembro-me ainda vivamente da emoção que sentimos ao ver surgir aquele *Bumba-Meu-Boi* de Portinari na tela do I-100... Quem iria imaginar, naqueles tempos, o extraordinário avanço dessas tecnologias nas décadas seguintes!

Com efeito, o acervo reunido pelo Projeto Portinari representa um dos mais importantes arquivos multimídia existentes sobre o processo histórico-cultural brasileiro entre as décadas de 20 a 60.

Sempre fiel à idéia de levar a obra do pintor “aonde o povo está”, o programa *Brasil de Portinari*, dirigido a crianças da rede escolar, desde 1997 recebeu mais de 450 mil crianças, percorrendo todos os estados brasileiros, sem exceção, em 92 exposições interativas. Este programa ampliou-se em vários desdobramentos, atingindo escolas, favelas,

populações ribeirinhas, presídios, hospitais, etc.

Portador deste DNA peculiar, preocupou-se o Projeto Portinari, desde a sua concepção, em imprimir ao seu trabalho características de rigor científico, de sistemática criação de metodologias e de permanente contato com o estado da arte nas aplicações de ciência e tecnologia aos problemas gerados por sua execução.

João Candido Portinari é diretor do Projeto Portinari-PUC-Rio

História

ARTE E HERANÇA DA ESCRAVIDÃO

Ao rever a memória do negro no Brasil, não há como ignorar as agruras que homens e mulheres sofreram ao chegar aqui e nos mais de 300 anos mantidos na condição de escravos. Em contrapartida, é impossível deixar de lado seu papel na formação cultural, religiosa e artística da nação brasileira. É o que evidencia a exposição *Negras memórias, memórias de negros. O imaginário luso-afro-brasileiro e a herança da escravidão*, aberta ao público, até o final de junho, na Galeria de Arte do Sesi, na capital paulista.

Sob a curadoria de Emanuel Araújo, a mostra reúne mais de 500 obras pertencentes, em sua maioria, a coleções particulares. É primeira exposição de Araújo após deixar a direção da Pinacoteca do Estado, museu que recuperou posição de destaque durante sua gestão.

Negras memórias... lembra a escravidão no país, mas é com demonstração de

força e alegria que exalta a arte produzida pelos negros não apenas no Brasil, mas também em Portugal e na África. Há documentos, fotos e recortes de jornais que mostram a presença do negro na formação da nossa sociedade. Textos, poemas, letras de músicas, sempre de autores negros ou mestiços, como Raul Bopp, Jorge de Lima, Machado de Assis e Cartola, permeiam toda a mostra.

O sincretismo religioso é representado por imagens de santos católicos do século XVIII, em madeira ou barro policromado, em uma parede inteira de ex-votos vindos de coleções particulares da Bahia e do Ceará e outras peças do mesmo período, como medalhas de santos ou objetos de igrejas. Do candomblé estão expostas vestimentas, ferramentas, adornos e representações de santos presentes em rituais. Do mesmo latão que se produziam as coroas para os santos católicos, são feitos os adereços dos orixás.

SERVIÇO

Galeria de Arte do Sesi: av. Paulista, 1313. De terça a sábado, das 10h às 20h; domingo, das 10h às 19h.



Painel de ex-votos em escultura de madeira